



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Thayná Virginia da Silva Serafim

**A ausência da Literatura Popular brasileira no livro didático de Língua
Portuguesa**

Recife
2024

Thayná Virginia da Silva Serafim

A ausência da Literatura Popular brasileira no livro didático de Língua Portuguesa

Trabalho de Conclusão do curso de Graduação em Letras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras/Português.

Orientador: Prof. Flaviano Maciel Vieira

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Serafim, Thayná Virginia da Silva.

A ausência da Literatura Popular brasileira no livro didático de Língua Portuguesa / Thayná Virginia da Silva Serafim. - Recife, 2024.
29 p. : il.

Orientador(a): Flaviano Maciel Vieira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2024.

Inclui referências.

1. Livro didático. 2. Literatura Popular Brasileira. I. Vieira, Flaviano Maciel. (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

RESUMO

O presente artigo, elaborado como requisito da disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso II*, tem como objetivo analisar a ausência da literatura popular brasileira no Livro Didático de Língua Portuguesa, da editora FTD, produzido em São Paulo, que foi disponibilizado nas escolas públicas em 2018 até 2020. Tal produção foi desenvolvida para entendermos o porquê da ausência e refletir acerca desse problema. Para entendermos o conceito da literatura e literatura popular, Bosi (1992), Moisés (2012), Silva (2016), Aguiar e Silva (1994), Ayala (2002), Machado (2008) Parafita (1999) foram cruciais para entendermos qual a definição da literatura popular e importância na sociedade. Já quando partimos para a literatura popular e o ensino, Malard (1985), Perrone-Moisés (2008), BNCC (2018), Bunzen e Mendonça (2006), Abreu (2006), Pinheiro e Marinho (2008), contribuíram para entendermos como a literatura e o ensino estão caminhando.

Palavras-chave: Literatura Popular; Ensino; Livro didático.

ABSTRACT

This article, written as a requirement of the course Completion Work II, aims to analyze the absence of Brazilian popular literature in the Portuguese Language Textbook, published by FTD, produced in São Paulo, which was made available in public schools in 2018 until 2020. This production was developed in order to understand the reason for its absence and to reflect on this problem. To this end, in relation to the research in this article, some important authors were chosen when it comes to popular literature. In order to understand the concept of literature and popular literature, Bosi (1992), Moisés (2012), Silva (2016), Aguiar e Silva (1994), Ayala (2002), Machado (2008) and Parafita (1999) were crucial to understanding the definition of popular literature and its importance in society. As for popular literature and teaching, Malard (1985), Perrone-Moisés (2008), BNCC (2018), Bunzen and Mendonça (2006), Abreu (2006), Pinheiro and Marinho (2008) helped us understand how literature and teaching are moving forward.

Keywords: Popular Literature; Teaching; Textbook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Literatura e arte da palavra.....	18
Figura 2 - Literatura e arte da palavra.....	19
Figura 3 - Literatura e realidade: representação e invenção.....	19
Figura 4 - O texto literário.....	20
Figura 5 - Os gêneros literários.....	20
Figura 6 - Os gêneros literários.....	21
Figura 7 - A poesia lírica.....	22
Figura 8 - A crônica.....	23
Figura 9 – O conto.....	23
Figura 10 – O teatro.....	24

SUMÁRIO

<u>1. INTRODUÇÃO</u>	5
<u>2. O QUE É LITERATURA POPULAR?</u>	8
<u>3. LITERATURA POPULAR E ENSINO</u>	11
<u>4. ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA COLEÇÃO “NOVAS PALAVRAS” DA EDITORA FTD DESTINADO AOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO</u>	15
<u>4.1 Literatura Brasileira</u>	16
<u>4.2 Abordagens</u>	17
<u>4.3 Sugestões de trabalho</u>	24
<u>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	25
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	26

1. INTRODUÇÃO

A leitura do texto literário faz-se necessária na escola porque enseja um contexto de aprendizagens que abranja o conhecimento estético, cultural e artístico. Além de conscientizar os alunos diante das possibilidades que a literatura apresenta. Em contrapartida, as possibilidades são limitadas para os alunos quando o assunto é literatura popular brasileira. Então, a partir de observações de como a literatura vem sendo trabalhada nas aulas, foi notado que a supervalorização da literatura erudita ainda acontece em grande parte e a literatura popular segue alguns passos para trás, principalmente nos livros didáticos de língua portuguesa.

Atualmente, o livro didático ainda é um material pedagógico importante, porque é um recurso privilegiado nos processos de seleção e de comunicação dos conhecimentos escolares e está presente no ensino da leitura e da escrita desde o século XIX. Sua trajetória e permanência na rotina escolar o apresentam como um componente fundamental do sistema educacional sobre o qual recai uma grande parte das aprendizagens promovidas pelos projetos curriculares, porém em alguns momentos ainda apresenta lacunas.

Dessa forma, nas aulas de literatura, o livro pode auxiliar ou não o trabalho do professor e é importante refletir a importância do seu papel, pois o processo de ensino-aprendizagem do aluno é fundamental e em alguns momentos o professor só tem o livro didático como guia. Então, a apresentação do conteúdo, as atividades, a relação entre aula e livro didático, precisam ser minimamente discutidos, pois são complexas. É necessário também entender a relação entre os alunos e o livro didático e como ele vem contribuindo no processo de conhecimento do aluno.

Vale salientar que o aluno muitas vezes tem como base de leitura apenas os textos do livro didático, como também, pouco incentivo pela busca de novas histórias literárias ou até mesmo a falta de obras, livros e informações importantes para que o aluno desenvolva seus conhecimentos e consiga assim aprimorar os estudos. É de grande importância entender como esse conteúdo

vem sendo abordado, uma vez que, a formação do aluno leitor é um processo contínuo, quanto mais o leitor tem acesso a textos e conteúdos diversos, mais ele irá aprender, construir, reelaborar e ampliar esses conhecimentos para si, sendo um caminho para novas ideias, novos textos, uma visão ampliada da compreensão, o que levaria a um crescimento conjunto.

Para a análise do artigo foi usada a análise documental, que tem como objetivo identificar os documentos primários com informações que sirvam de subsídio para responder alguma questão de pesquisa. Documentos “não são apenas uma fonte de informação contextualizada, por representarem uma fonte natural de informação, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto” (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p. 39). A análise documental deve ser adotada quando a linguagem utilizada nos documentos se constitui elemento fundamental para a investigação.

A pesquisa científica, numa abordagem qualitativa no campo educacional, tem encontrado no materialismo histórico dialético o método mais apropriado para a difusão do conhecimento social em educação, pois busca através da análise qualitativa encontrar soluções para a transformação da realidade vivenciada, tanto no plano do conhecimento como no plano histórico-social. Nessa perspectiva, a pesquisa científica se tornou essencial para educação, tendo em vista que:

Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real. A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 31)

Ou seja, investigar como os livros didáticos de língua portuguesa estão abordando a literatura popular brasileira é um exame minucioso e necessita que o problema seja resolvido através dessas pesquisas.

A análise de livros didáticos de Língua Portuguesa proposta neste projeto enquadra-se na modalidade de pesquisa qualitativa documental

(LUDKE & ANDRÉ, 1986), por fazer parte das práticas educacionais e está inserido em um contexto de pós-modernidade, como também uma forma de produção na modalidade de escrita, por ser considerado um documento pedagógico para ser analisado. Além disso, a importância também se explica na medida em que os alunos abordam questões socioculturais através da linguagem e da literatura.

Para a escolha do livro didático de Língua Portuguesa que compõe o *corpus* desta pesquisa foram considerados os parâmetros local e data de fabricação, os seus objetivos comunicativos e o público alvo. Dessa forma, será analisado o livro didático de Língua Portuguesa para o 1º ano do ensino médio para entendermos como a literatura popular brasileira é abordada. O livro escolhido é da editora FTD, produzido em São Paulo e foi disponibilizado nas escolas públicas em 2018 até 2020 para os alunos dos 14 anos, respectivamente, e é trabalhado por capítulos começando pela literatura brasileira, partindo para a gramática e por fim, leitura e produção textual.

2. O QUE É LITERATURA POPULAR?

Inicialmente, é imprescindível ressaltar que a cultura perpassa por qualquer sociedade e é uma junção de valores, costumes e tradições, sendo conceituada com tudo aquilo que é aprendido, ou seja, são práticas populares que norteiam qualquer sociedade. Além de existir pinturas, emblemas e símbolos que passam de geração em geração, também temos a língua de um povo e desse modo, cada indivíduo tem um jeito de ser e de expressar no mundo através dela.

Cultura é tudo aquilo que é produzido pelo ser humano, numa construção diária, sendo dividida entre erudita e popular. A primeira é manifestada por pessoas mais “letradas”, com um grau maior de instrução, ela tem um caráter mais aprimorado e científico. Já a segunda, é realizada pelo dito “povão”, ou seja, por pessoas de menor instrução, que se utilizam do senso comum, da espontaneidade, da linguagem coloquial, do cotidiano, tendo um caráter mais local e regional.

No texto “Cultura brasileira e culturas brasileiras”, Bosi (1992) evidencia que se pelo termo cultura entendemos uma herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em:

Uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades) e uma cultura popular, basicamente iletrada, que corresponde aos mores materiais simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (BOSI, 1992, p. 309)

Ou melhor, ambas têm os seus valores, porém a cidade moderna apenas assimila o que é produzido pela cultura erudita e não pela minoria.

Partindo disso, entre as manifestações culturais populares, tem-se a literatura que é a representação cultural e histórica de um povo, além disso é uma ferramenta de criatividade e da expressão do mundo. Dessa forma, alguns teóricos ressaltam a importância da literatura no âmbito escolar.

Porque ensinar literatura é ensinar a ler, e sem leitura não há cultura; Porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; Porque a significação, no texto literário, não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretação. (MOISÉS, 2006, p. 18)

Melhor dizendo, ter acesso a literatura vai muito além de uma simples leitura, pois ao ter acesso o aluno consegue pensar em infinitas possibilidades e isso é fundamental para o ensino aprendizagem.

Já Silva (2006), traz uma perspectiva indispensável sobre a literatura popular em todas as instâncias socioeducativas:

Defendemos o trabalho com esse gênero literário na escola por acreditarmos em sua relevância histórica, literária e sócio educativa, por compreendermos que essa modalidade literária é uma fonte inesgotável de conhecimento, arte, cultura e significação histórica e social que se amplia, se ressignifica e se reformula a serviço do processo de ensino – aprendizagem nas

escolas, da universidade e de todas as instâncias sócio educativas. (SILVA, 2016, p.4)

Em outras palavras, a literatura popular é rica e abundante, dessa forma, ao deixar esse gênero para trás não se segue a ressignificação que o processo de ensino se molda.

De acordo com Aguiar e Silva (1994, p. 116), por 'literatura popular' entendemos "aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na peculiaridade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico". É assim que podemos encontrar, quando percebemos na literatura produzida por repentistas, cordelistas, emboladores, trovadores nordestinos, por exemplo, traços do povo nordestino brasileiro, através da poesia que se apresenta nas feiras livres, nos festivais específicos, feitos para promover essa forma de fazer literário.

E para Ayala (2003), ambas se inter-relacionam, no entanto, ainda existe um grande preconceito, pois muitas pessoas ditas "letradas" consideram essa cultura como uma "não arte", pelo fato de ser construída pelo dito "povão" e trazer sua espontaneidade, dando a entender que ambas vivem em mundos opostos. Porém, esse pensamento preconceituoso deve ser derrubado, mostrando a riqueza cultural que as manifestações culturais populares apresentam.

Entretanto, a literatura erudita é produzida pela elite intelectual, escolhida pelo cânone, tem estímulos para ser produzida e divulgada. Já a literatura popular é produzida pelo povo, por isso, sem estímulos para ser produzida e divulgada. Então, pode-se entender que a exclusão acontece por se tratar de uma literatura escrita pela e para a população menos favorecida e conseqüentemente nunca terá a importância que merece. Por conseguinte, pouco se fala sobre a literatura popular brasileira e a sua importância, principalmente quando paramos para analisar os livros didáticos de língua portuguesa e observamos detalhadamente o descaso com o tema, pois ele é limitado e/ou às vezes não é nem tratado da forma que deveria.

Machado (2008) diz que a literatura popular chegou no século XXI sem apresentar um consenso conceitual e sem uma delimitação cronológica de seu início, mas com um vigor que se contemporaniza. A partir dessa inquietação ela se interroga:

Será marginal ou canonizada? Quem ou o que decide de que lado da fronteira ela se situa? Qual a denominação prevalente entre as comunidades interpretativas? Literatura oral? Literatura Popular? Literatura Tradicional? Literatura Oral de Tradição Popular... Literatura de Tradição Oral? Serão as narrativas que ainda se transmitam oralmente ou também aquelas que já foram registradas por escrito, incluídas no conceito? (MACHADO, 2008, p. 13)

Podemos entender então, que a literatura popular é de tradição oral, portanto, é a forma mais antiga de expressão artística e de pensamento de um povo. Além disso, é importante falar sobre a relação entre a oralidade e a escrita, uma vez que são práticas discursivas referentes a diferentes contextos sociocomunicativos. Quando crianças, o primeiro contato que temos é com a língua oral por meio de interações que acontecem no cotidiano. Porém, posteriormente, a escrita toma espaço e conseqüentemente esquecemos do significado que a oralidade traz consigo. Segundo Marcuschi (2010, p. 36), a oralidade é “fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos”, ou seja, a oralidade traz vários traços de identidade social e regional, principalmente quando falamos da literatura popular brasileira.

Parafita (1999) em seus estudos justifica a denominação de Literatura Popular de Tradição Oral para qualificar o universo de textos em causa, definindo tal literatura como o vasto e diversificado conjunto de formas de arte verbal determinado pelo uso que o povo delas faz e que, por isso, são testemunho da sua cultura e da sua identidade. Neste universo de textos, segundo Parafita, são de considerar os contos populares, lendas, mitos, provérbios, ditos populares, apodos, adivinhas, lengalengas, orações, rezas, fórmulas de superstições e de mezinhas, esconjuros, orações com escárnio, pragas, agouros ou profecias, galanteios ou piropos, quadras, autos populares, romanceiros, cancioneros, excelências, entre outros.

Portanto, como podemos observar, a literatura popular de tradição oral é bastante ampla e traz consigo importância histórica e cultural, no entanto,

como o avanço da modernidade, práticas como essas vão se perdendo quando o aluno começa a ter contato com a escrita e em alguns casos, o aluno não chega a ter contato com a diversidade que a literatura popular fornece.

3. LITERATURA POPULAR E ENSINO

Quando se fala sobre a literatura popular e ensino e de como os conteúdos são abordados, é importante olhar para a raiz do problema que já vem acontecendo há um tempo, porque a literatura sempre esteve distante do seu público alvo nas escolas em virtude da forma como era passada. A literatura popular era concebida como “Belas Artes”, carregava uma elitização que não condiz com sua perspectiva social, cultural histórica e com seus objetivos. Esse ensino distanciado da literatura é, como observa Letícia Malard (1985), uma característica marcante e, talvez, um dos obstáculos no ensino da literatura no Brasil desde que foi incluída nos currículos escolares, na reforma educacional de 1889 e que continua até hoje.

O ensino da literatura ainda é frágil e continuará sendo se os textos literários forem feitos apenas para apoio para as aulas de língua portuguesa, por exemplo. Em 1988, ainda não existia uma metodologia rigorosa na hora da escolha dos textos que os alunos leriam, segundo pesquisa feita por Molina, surgiram vários casos (dezessete) em que um mesmo texto foi selecionado para livros destinados a séries distintas, o que faz pensar sobre os critérios imprecisos que conduzem a seleção. Ou seja, a literatura não vai ter a importância que merece se na hora da escolha do texto literário não existir uma preocupação em manter a expressão cultural e significados que o texto carrega.

É necessário desconstruir alguns mitos que dogmatizam essa ação como algo que traz a realidade ou a história, pois a literatura possui aspectos da realidade, uma vez que, traz a experiência entre o homem e o mundo que o cerca. Como fala Malard (1985), o melhor caminho para a aprendizagem da literatura ainda é a leitura de textos literários e a crítica sobre eles, porque nenhuma outra forma de ver os conteúdos, como resumos e adaptações, substitui a prática da leitura original. Infelizmente os alunos não têm acesso a

literatura brasileira no ensino fundamental, apenas no ensino médio. Dessa forma, quando os alunos chegam no ensino médio têm apenas acesso aos resumos que o livro didático oferece sem aprofundamentos.

Perrone-Moisés (2007) reporta a crise que a literatura passou, independente do termo que assuma o estudo e o ensino de literatura, para lembrar o porquê de estudá-la. Em uma de suas afirmações a autora enfatiza que:

Os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge o seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação [...]. Opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretação, porque a literatura é um instrumento de conhecimento do outro e de autoconhecimento, porque a ficção, ao mesmo tempo em que ilumina a realidade, mostra que outras realidades são possíveis. [...] (p. 18)

Dessa maneira, é importante que a visão interpretativa do aluno seja valorizada, além de ser contemplado os aspectos estruturais, como também fatores socioculturais e históricos do texto.

O problema vai além quando paramos para pensar na literatura popular, pois ela fica ainda mais distante da escola e dos estudantes. Como já foi citado anteriormente, os alunos não têm acesso no ensino fundamental e no ensino médio os conteúdos são abordados de maneira limitada e com a carga horária menor. Se a literatura erudita sofre essa limitação, a literatura popular sofre ainda mais. Bunzen e Mendonça (2006) nos alerta sobre esse espaço pequeno que a literatura tem nos livros didáticos:

Há, basicamente, dois modelos: os livros de coleção voltadas para os três anos de ensino médio e os de volume único que, nalguns casos, é uma junção dos três volumes das coleções. Esses modelos são, quase sempre, de língua e literatura e, em muitos deles, a literatura é a menor parte. Em menor quantidade, temos os livros didáticos, temos os livros didáticos especificamente de literatura – também em coleções e volume único. (BUNZEN & MENDONÇA, 2006, p. 106)

Se não existe espaço suficiente para abordar a literatura da maneira que deveria, dificilmente terá espaço para abordar a literatura popular brasileira,

uma vez que, darão o pouco espaço que tem para a visibilidade da literatura dos escritores canônicos. Além de tudo, não se pode tratar os livros didáticos como meras mercadorias que não causarão um impacto na vida de quem usá-lo. O aluno que tem acesso ao livro será marcado para sempre, pois as aulas de literatura também servem para formar indivíduos críticos e pensadores.

Não podemos esquecer que o Programa Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) foi criado em 1985 para avaliar e destinar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio para às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público de forma gratuita. Entretanto, apenas em 2003 foi criado o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), com o objetivo de extensão da educação básica, que passou a abranger também o Ensino Médio, com a distribuição gratuita de livros para os alunos das 3 séries do Ensino Médio. Dessa forma, podemos observar que o programa veio sofrendo alterações aos poucos para abranger todas as séries de forma igualitária, no entanto é importante compreender como essas escolhas estão acontecendo e o porquê algumas falhas ainda acontecem.

No livro *Cultura Letrada*, a autora Márcia Abreu (2006) defende que o conceito de literatura é dinâmico, logo, sua definição é algo histórico e cultural, pois carrega a essência do país. Ela ainda ressalta que a literatura erudita não deve ser vista como “A” literatura. Entretanto, a literatura erudita ainda é quem tem os holofotes. Para mais, a autora encerra seu livro afirmando: “Literatura não é uma questão de gosto: é uma questão política.” Sendo assim, Márcia Abreu destaca que não são apenas os aspectos linguísticos que são tomados para definir se uma obra faz parte da grande literatura, mas o prestígio sociocultural de quem a consagrou como grande.

Mesmo com algumas mudanças, atualmente, a literatura erudita ainda é vista como “A” literatura, por isso que a escola e os livros didáticos priorizam determinados autores e obras em detrimento de outros. Claro que não é para deixar de estudar sobre as obras e autores consagrados, mas também é

importante respeitarmos e buscarmos conhecer as literaturas de menor prestígio social, a exemplo do folheto de cordel e dos textos de escritores locais e contemporâneos, por exemplo. É necessário pontuar que a BNCC (BRASIL, 2018) salienta que ao longo do Ensino Médio o estudante deve ter contato com várias produções literárias, incluindo as obras literárias de tradição popular, porém, esse contato é limitado ou às vezes nem existe. Dessa maneira, podemos observar que na teoria a valorização acontece e alguns avanços aconteceram nos últimos anos com a inclusão de alguns autores de cordel, por exemplo.

Em alguns momentos, o aluno tem contato com a literatura popular nas primeiras séries e apenas na semana folclórica. Pinheiro (2008) esclarece que quando há presença da cultura popular no trabalho de algumas escolas e até mesmo de secretarias de educação, muitas vezes a concepção que se tem é de resgate de algo que já teria morrido. Talvez as secretarias de educação façam essas ações sem imaginar o quanto inflama esse problema, pois o aluno poderá interpretar que a literatura popular foi algo que aconteceu no passado que não tem importância atualmente.

Sabemos que a literatura popular é ampla e temos várias opções para serem trabalhadas em sala de aula, contudo, atualmente só a literatura de cordel tem conquistado mais espaço e visibilidade, tendo em vista que, editoras e poetas trabalham intensamente para divulgar folhetos, professores realizando experiências em sala de aula, investigações sendo desenvolvidas no espaço acadêmico (MARINHO, 2012). Assim, Marinho (2012) explica que abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura popular é uma conquista de extrema relevância, pois:

Acreditamos que a literatura de cordel ou de folhetos deve ter um espaço na escola, nos níveis fundamental e médio, levando em conta as especificidades desse tipo de produção artística. Considerá-lo apenas como uma ferramenta que pode contribuir com a assimilação de conteúdos disseminados nas mais variadas disciplinas (história, geografia, matemática, língua portuguesa) não nos parece uma atitude que contribua para a construção de uma significativa experiência de leitura de folhetos (MARINHO, 2012, p. 12).

Ou seja, é possível trabalhar com as manifestações populares na atualidade e conviver com a erudita, sem distinção de classe, pois temos na literatura de cordel o exemplo dessa convivência pacífica e enriquecedora. Vale ressaltar que a literatura popular ajuda a pensar o letramento: a relação entre literatura e realidade atual dos alunos. Ajuda a pensar a realidade política, histórica, social em que eles estão inseridos. Uma vez que, é importante que o aluno se sinta acolhido e representado através do que ele lê nas aulas.

4. ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA COLEÇÃO “NOVAS PALAVRAS” DA EDITORA FTD DESTINADO AOS ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, faremos uma análise do livro didático de Língua Portuguesa para o 1º ano do ensino médio, para entendermos como a literatura popular brasileira é abordada. O livro escolhido é da editora FTD, produzido em São Paulo e foi disponibilizado nas escolas públicas em 2018 até 2020 para os alunos dos 14 anos, respectivamente, e é trabalhado por eixos, começando pela *literatura brasileira*, partindo para a *gramática* e por fim, *leitura e produção textual*. Além disso, os eixos são respectivamente divididos em 8 capítulos, apenas o de *leitura e produção de textos* que tem apenas 6.

Vale salientar que a abordagem será voltada para a ausência e/ou presença da literatura popular e quais consequências podem ocasionar na vida dos estudantes, caso não tenha contato em sua trajetória escolar.

4.1 Literatura Brasileira

O capítulo 1 fala da literatura como uma arte - a arte da palavra, dessa forma, os autores trazem a definição de “arte” e de “literatura”, deixando em evidência que literatura é arte, não a que os alunos estão acostumados a terem contato através do olhar, mas que tem a palavra como a matéria-prima, ou seja, a linguagem verbal. Já no capítulo 2, eles trazem a literatura como a realidade; como também a forma e o conteúdo que os escritores usam na hora de escrever os poemas, por exemplo. Além disso, os autores apresentam algumas funções da literatura chamada de literatura engajada.

No capítulo 3 os autores abordam como os alunos devem interpretar um texto literário, passando pelos níveis de leitura (leitura horizontal e vertical) e o seu grau de dificuldade, além de expectativa em que o leitor cria ao fazer determinada leitura, porém, todos os textos usados como exemplos são voltados para a literatura canônica. Já no capítulo 4, abordam os gêneros literários (épico, lírico e dramático) e em seguida suas características.

No capítulo 5 o foco fica na literatura lírica com leituras de imagem de pintura renascentista para os alunos analisarem e no capítulo 6 a concentração fica apenas na crônica. No capítulo 7 os autores apresentam sobre o conto e em nenhum momento trouxeram exemplos de contos populares que são histórias tradicionais transmitidas oralmente e que enriqueceriam o capítulo, pois ao fazer isso os alunos teriam contato com outras possibilidades, não apenas com escritores canônicos.

No capítulo 8 a dedicação fica apenas em peças teatrais, focando em João Vicente, já que ele foi o iniciador do teatro em língua portuguesa e com a de dois autores que, no Brasil, deram continuidade do teatro de inspiração popular - Martins Pena, no século XIX, e Ariano Suassuna no século XX.

4.2 Abordagens

No capítulo 1, os autores abordam a literatura como arte e tal definição foi interessante, pois no *Dicionário Aurélio*, em seu primeiro significado, a literatura aparece como a “Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso”. Além da definição do dicionário, existem outras que trazem a mesma ideia:

Da arte de escrever ao signo desenhado artisticamente, a Literatura, em sua oralidade primordial, tornou-se escrita e, ao longo dos anos, ganhou espaço nos diversos suportes, constituiu-se signo. Da estaticidade do tempo medieval passando pela ideia clássica de que seria o conjunto canônico do bem dizer, essa arte foi submetida a postulados rígidos que tolham a criação do autor. (COELHO, 1986, p. 30).

Melhor dizendo, a literatura é tratada não como arte que estamos acostumados a presenciar, mas sim como arte que usa as palavras para expressar o que o autor quer passar (FIGURA 1).

FIGURA 1 – LITERATURA: A ARTE DA PALAVRA

LEITURA importante promover uma discussão sobre qual é o conceito de arte na perspectiva cultural dos alunos.

Neste texto, o historiador da arte Horst Waldemar Janson procura esclarecer o que é arte. Não é uma tarefa simples nem fácil. Observe que o autor relativiza constantemente as definições, ou melhor, as aproximações da ideia de arte: "para nós", "antes de mais nada", "muitas vezes", "costuma ser definida".

O que é arte?

"Por que isto é arte?" "O que é arte?" Poucas perguntas provocarão polêmica mais acesa e tão poucas respostas satisfatórias. Embora não cheguemos a nenhuma conclusão definitiva, podemos ainda assim lançar alguma luz sobre estas questões. Para nós, arte é, antes de mais nada, uma *palavra*, uma palavra que reconhece quer o conceito de arte, quer o fato de sua existência. Sem a palavra, poderíamos até duvidar da própria existência da arte, e é um fato que o termo não existe na língua de todas as sociedades. No entanto, *faz-se* arte em toda a parte. A arte é, portanto, também um objeto, mas não é um objeto qualquer. A arte é um *objeto estético*, feito para ser visto e apreciado pelo seu valor intrínseco. As suas características especiais fazem da arte um objeto à parte, por isso mesmo muitas vezes colocado à parte, longe da vida cotidiana, em museus, igrejas ou cavernas. E o que se entende por estético? A estética costuma ser definida como "o que diz respeito ao que é belo".

JANSON, H. W. *História geral da arte*. Adaptação e preparação do texto para a edição brasileira de Mauricio Balthazar Leal. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 11-12.

O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS

A primeira coisa a se dizer é que arte hoje pode ser muitas coisas. Diferentemente do que ocorria até fim do século XIX ou meados do século XX, em que a palavra "arte" significava "obra". E as obras artísticas tinham características muito específicas, carregavam a ideia de serem obras únicas, com valores transcendentais, e não um valor imediato que se refere à vida e ao cotidiano. No entanto, à medida que os processos experimentais nas artes se desenvolveram de maneira rápida e violenta, a partir das décadas de 1950 e 1960, mais especificamente a partir da *Pop Art*, houve uma grande explosão de linguagens e tendências, o que ampliou o sentido da ideia de arte. Desse modo, não há um conceito de arte fechado. A arte é aquilo que você encontra como arte. O que isso quer dizer? A arte não pode ser avaliada, sem considerar o lugar em que ela foi produzida, ou seja, em seu contexto.

UTUARI, Solange; LIBANELO, Daniela; SARDO, Fábio; FERRARI, Pascoal. **Por toda parte**. São Paulo: FTD, 2015. p. 40. (Coleção 360°)

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 13)

Depois de trazer esse exemplo eles explicam e trazem uma definição do que é literatura no sentido amplo, no entanto, poderiam falar sobre as literaturas distintas que temos e que ambas são importantes para a sociedade e ricas culturalmente. Uma vez que, a literatura brasileira é a representação da cultura, dos registros expressivos, linguísticos, históricos e sociais que formam uma comunidade e a literatura popular também é dessa forma. Para Candido, todas as criações deveriam ser tratadas de forma igualitária, seja ela uma produção simples ou complexa.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas de difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1996, p.174)

Ou seja, como podemos perceber, os autores apenas enfatizam e definem sobre a literatura brasileira, sem deixar margem para a literatura popular (FIGURA 2).

FIGURA 2 – LITERATURA: A ARTE DA PALAVRA

A LITERATURA

A arte da literatura existe há alguns milênios. Entretanto, sua natureza e suas funções continuam objeto de discussão, principalmente para os artistas.

Como qualquer outra arte, é uma criação humana; por isso sua definição constitui uma tarefa tão difícil.

O homem, como ser histórico, tem anseios, necessidades e valores que se modificam constantemente. Suas criações — entre elas a literatura — refletem seu modo de ver a vida e de estar no mundo. Assim, ao longo da História, a literatura foi concebida de diferentes maneiras. Mesmo os limites entre o que é e o que não é literatura variaram com o tempo.

Tentemos, portanto, a definição mais abrangente possível, que atenda à concepção da literatura em nosso tempo:

Literatura é a arte que utiliza a palavra como matéria-prima de suas criações.

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 16)

No capítulo 2, os autores trazem as funções da literatura e fazem um paralelo com a literatura engajada, que são obras que se posicionam ideologicamente, e como exemplo, trazem a literatura marginal que traz como característica a oralidade, linguagem simples e do dia a dia. Nesse momento, os autores poderiam enriquecer com exemplos e, mais uma vez, poderiam explicar as diversas literaturas que existem e a importância que cada uma passa (FIGURA 3).

FIGURA 3 – LITERATURA E REALIDADE: REPRESENTAÇÃO E INVENÇÃO

- No extremo oposto estão os autores que se dedicam a uma **literatura engajada**, isto é, comprometida com a defesa de posicionamentos ideológicos — ideias políticas, filosóficas ou religiosas. Isso não impede que produzam grandes obras, desde que não as reduzam a panfletos, a meros instrumentos de propaganda, pelo desprezo da forma e do trabalho com a palavra. Uma tendência atual valoriza as produções literárias de membros de grupos específicos e centradas em suas problemáticas culturais e sociais: literatura marginal, literatura feminina/feminista, literatura negra, literatura gay etc.

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 29)

Os autores poderiam apresentar no livro didático o conteúdo extenso que a literatura tem, pois ao fazerem isso, contribuiriam para o repertório cultural do aluno que tiver contato com o livro, pois eles terão acesso as diversidades históricas que fazem parte da literatura engajada, por exemplo.

No capítulo 3, os autores começam falando dos textos literários e estratégias de leitura, porém já começam falando sobre autores canônicos, como, por exemplo, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, além de trazer estratégias de leitura para os alunos melhorarem o desempenho da leitura com textos apenas de autores canônicos. Tal abordagem acaba ficando depreciativa para os alunos entenderem do que se trata e nada atrativo.

FIGURA 4 – O TEXTO LITERÁRIO

PRIMEIRA LEITURA

Balada do amor através das idades

Eu te gosto, você me gosta desde tempos imemoriais. Eu era grego, você troiana, troiana mas não Helena. Sai do cavalo de pau para matar seu irmão. Matei, brigamos, morremos.

Virei soldado romano, perseguidor de cristãos. Na porta da catacumba encontrei-te novamente. Mas quando vi você nua caída na areia do circo e o leão que vinha vindo, dei um pulo desesperado e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro, flagelo da Tripolitânia. Toquei fogo na fragata onde você se escondia da fúria de meu bergantim. Mas quando ia te pegar e te fazer minha escrava, você fez o sinal da cruz e rasgou o peito a punhal... Me suicidei também.

Depois (tempos mais amenos)



Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)

Poeta mineiro, nascido em Itabira, publicou seu primeiro livro, *Alguma poesia*, em 1930. Tornou-se um dos principais poetas do século XX em nossa língua. Além de poesia, escreveu também contos e crônicas.

mouro: habitante da Mauritânia, antiga região ao norte da África;

Tripolitânia: região da Líbia, norte da África. No século XIX foi um dos centros da pirataria no Mediterrâneo;

fragata: antigo navio a vela, de três mastros: maior que

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 37)

Ainda no capítulo 3, na seção “*O que dizem os especialistas*”, os autores trazem Moisés (2012) quando falam da literatura como uma expressão de conteúdos da ficção ou da imaginação e no trecho autor destaca que:

De onde a Literatura empregar palavras polivalentes como expressão de pensamento de conteúdos da imaginação ou da ficção. Por outros termos, é um tipo de conhecimento, fundado na imaginação, expresso pela palavra e/ou comunicada oralmente, de valor multívoco ou individual. Em suma, a literatura é a expressão dos conteúdos da ficção ou da imaginação, por meio da palavra de sentido múltiplo e pessoal. (MOISÉS, 2012, p. 21)

Ou seja, os autores poderiam explorar sobre a literatura popular quando falam da literatura que é comunicada oralmente, no entanto, mais uma vez os autores tratam como se não existisse (FIGURA 5).

FIGURA 5 – O TEXTO LITERÁRIO

[...] o desprezo por copiar o real significa desviar-se dele, deformá-lo, mentir, "fingir" a realidade, ou inventar outra realidade, à sua imagem e semelhança, mas individualizada e "autêntica" a seu modo. Entendida como o universo interior onde estão armazenados e transfigurados os produtos da percepção sensível e emotiva da realidade ambiente, a ficção aqui entra em cena. Por isso podemos dizer *Literatura é ficção*. E se entendermos os conteúdos da ficção como compostos de imagens "deformadas e transfundidas do mundo real, pode-se admitir como evidência que ficção e imaginação se equivalem, e um termo pode ser tomado pelo outro. [...]

De onde a Literatura empregar palavras polivalentes como expressão dos conteúdos da imaginação, ou da ficção. Por outros termos, é um tipo de conhecimento, fundado na imaginação, expresso pela palavra escrita e/ou comunicada oralmente, de valor múltiplo ou individual. Em suma: *Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção ou da imaginação, por meio da palavra de sentido múltiplo e pessoal*.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia e prosa*. São Paulo: Cultrix, 2012. p. 21.

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 41)

No capítulo 4, os autores trazem de uma forma extremamente técnica sobre os gêneros literários e suas características. No capítulo anterior, os autores trouxeram escritores canônicos e nesse capítulo uma das representações é Fernando Pessoa. Além de abordar também sobre a metrificação, exemplificando com o poema *As moças* de Mário de Andrade, ou seja, mais um poema canônico (FIGURA 6).

FIGURA 6 – OS GÊNEROS LITERÁRIOS

As moças (fragmento)

Sofre!
... A própria dor é uma felicidade,
E ei-las partindo.
Longe de mim.

Voo de moças!
Voo de moscas assustadas...
E vão se debater ansiosas na vidraça...

E A MÃO QUE AS VAI PEGAR!

E fiquei a me rir...
Rindo das moças,
das moscas,
da vida...
das lágrimas nos olhos pequeninos.

ANDRADE, Mário de. Losango cáqui. In: _____. **Poesias completas**.
4. ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 92.

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 63)

Tais abordagens são preocupantes, pois os alunos só têm acesso a literatura no ensino médio e quando chegam já entram em contato com vários conteúdos elaborados, sem antes passar pelo mais simples.

Passando pelo capítulo 5, os autores focam na poesia lírica e ainda de forma muito técnica abordam sobre as características. Passeando um pouco mais, os autores trazem como exemplo as cantigas trovadorescas e trazem como exemplo, as cantigas de amigo que tem origem popular. Mais uma vez, os autores deixaram passar a oportunidade de explicar o que surge oralmente e como exemplo, trazer a literatura popular e os seus representantes (FIGURA 7).

FIGURA 7 – A POESIA LÍRICA

As cantigas trovadorescas

Na literatura em língua portuguesa, devemos buscar as origens da poesia na Idade Média, a partir do final do século XII. Nessa época ainda não existia a língua portuguesa que falamos hoje, mas o galego-português, falado na Galiza e no norte de Portugal. Os poemas compostos pelos trovadores eram chamados de **cantigas**, porque não se destinavam à leitura, mas a serem cantados em público e acompanhados por instrumentos musicais.

As chamadas **cantigas de amor**, de origem aristocrática, exprimiam o sentimento masculino e idealizavam o amor e a mulher por meio de uma linguagem simbólica que repercutia as rígidas convenções da sociedade feudal (o amor cortês, a vassalagem amorosa). As **cantigas de amigo**, de origem popular, exprimiam os anseios amorosos da mulher, eram mais realistas, e seus temas refletiam as vivências cotidianas da população rural e urbana.

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 72)

O capítulo 6 fala sobre a crônica e é ainda mais preocupante, pois os autores trazem as características do gênero também de forma técnica e sem margens para a menção de alguma característica da literatura popular. Os autores ainda falam que a crônica apresenta muitas vezes uma linguagem despojada e com tom de oralidade. Além disso, o capítulo segue a mesma ideia dos anteriores e todos os exemplos de textos são voltados para os escritores canônicos (FIGURA 8).

FIGURA 8 – A CRÔNICA



FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 84)

Mais uma vez, os autores deixam de fazer uma ligação quando falam de oralidade com a literatura popular, pois essa é uma característica marcante da literatura popular.

No penúltimo capítulo, os autores falam sobre o gênero conto, mais uma vez trazendo como referência um escritor canônico, dessa vez Clarice Lispector (FIGURA 9).

FIGURA 9 – O CONTO

ENFERMEIRA. MAS QUE ESSA MAS SUA ENFERMEIRA. VINDO-DE PARA A MINHA E COM enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

¹² E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser". Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

¹³ Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não sai pulando como sempre. Sai andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

¹⁴ Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por uns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

¹⁵ Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

¹⁶ Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

★ LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 9-12. ★



Clarice Lispector (1920-1977)

Nascida na Ucrânia, mas tendo sido criada no Recife, Maceió e Rio de Janeiro, Clarice Lispector se sentia profundamente brasileira. Estreou em 1944, aos 21 anos, com o romance *Perto do coração selvagem*, que foi reconhecido pela crítica como algo novo e fascinante em nossa literatura. O livro de contos *Laços de família* e os romances *A paixão segundo G. H.* e *A hora da estrela* consolidaram a sua posição de uma das maiores escritoras do século XX.

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 102)

Como podemos perceber, mais uma vez, os autores só abordam textos e escritores canônicos. Clarice Lispector é importante, mas também é primordial abordar escritores que fazem parte da Literatura Popular. Segundo Simonsen (1987), os contos populares constituem relatos em prosa de acontecimentos reconhecidamente fictícios. Tais narrativas, transmitidas entre o povo há gerações, integram uma literatura originalmente oral, de caráter folclórico. Assim, conclui-se que os contos populares são relatos que apresentam as características inerentes a toda produção folclórica, a saber: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade (CASCUDO, 1984, p. 24).

Por fim, no último capítulo, os autores falam do teatro e trazem como exemplo o teatro de Gil Vicente e o teatro popular como umas das características. Os autores falam sobre Ariano Suassuna, como uma das referências, e da obra *o Auto da Compadecida* falam que congrega motivos da narrativa de cordel, porém em nenhum momento explica o que é um cordel e nem traz exemplos sobre o gênero, dessa forma, ao fazer isso o aluno acaba negligenciando um gênero tão rico e importante (FIGURA 10).

FIGURA 10 – O TEATRO

A RENOVAÇÃO DO TEATRO POPULAR NO SÉCULO XX

Ainda no século XIX, muitos autores, como França Jr. (1838-1890) e Artur Azevedo (1855-1908), deram continuidade ao teatro popular e à comédia de costumes, que se firmaram como tradição na dramaturgia brasileira.

Na segunda metade do século XX, um autor tem especial importância: o paraibano Ariano Suassuna. Grande defensor da cultura popular nordestina, suas obras são influenciadas pela literatura de cordel, pelo teatro medieval de Gil Vicente e pela tradição barroca ibérica, sobretudo o autor Calderón de la Barca.



Auto da Compadecida (fragmento do ato I)

PALHAÇO — O distinto público imagine à sua direita uma igreja, da qual o centro do palco será o pátio.

FONTE: NOVAS PALAVRAS 1º ANO (2018, 123)

Como podemos observar, mesmo a literatura de cordel tendo o maior espaço e ênfase quando se trata da literatura popular, no livro didático não teve tanto destaque assim. Pois o aluno pode fazer questionamentos do que é literatura de cordel e até criar uma curiosidade do que é, porém, o livro não apresenta essa possibilidade. Os autores poderiam aproveitar sobre o assunto, mais uma vez, para introduzir o assunto.

Nesse momento, os autores poderiam falar um pouco sobre a história da literatura de cordel e de como chegou aqui no Brasil. Além disso, seria interessante que os autores falassem de que por meio do cordel se torna possível apreciar uma incomparável retrato da cultura brasileira em sua pluralidade de manifestações, territorialidades e identidades que constituem a manifestação literária como objeto de memória ao perpassar variadas áreas de conhecimento, tais como: estudos históricos, linguísticos e antropológicos sobre o povo brasileiro.

É perceptível que os autores deixaram de abordar alguns pontos importantes sobre a literatura popular e em muitos casos, deixaram até de fazer alguns atalhos, puxando um assunto citado para explicar sobre a literatura popular. A BNCC (BRASIL, 2018) aborda que os alunos precisam ter contato com obras literárias de tradição popular, entretanto, se o professor for depender exclusivamente do livro didático, os alunos não terão contato e nem saberão o que é. Dessa forma, deixar a literatura popular esquecida é não

trabalhar com a criatividade, não desenvolve habilidades linguísticas e os alunos não tornarão seres críticos.

4.3 Sugestões de trabalho

Como vimos, o livro didático analisado deixou de abordar assuntos importantes da literatura popular. Sabemos que o conteúdo é extenso, porém em nenhum momento os autores abordaram de forma eficiente. Diante dessa problemática, é necessário repensar trabalhos que resgatem a importância da literatura popular no ensino. É necessário fazer trabalhos que explorem as tradições orais e escritas da literatura popular, como contos, lendas, mitos, provérbios e cordel, etc. e que esses trabalhos desenvolvam a habilidade de interpretação, escrita criativa e expressão oral.

É fundamental que o conceito da literatura popular seja apresentado para os alunos, explicando suas características, como a tradição oral, os temas regionais, e a valorização da cultura local. Os alunos precisam ter contato com exemplos de diferentes formas, como *cordéis*, contos populares, lendas urbanas, mitos regionais e provérbios. Além disso, propor que os alunos realizem entrevistas com familiares, amigos ou pessoas da comunidade, para resgatar histórias, lendas e mitos que sejam conhecidos na sua região. Outra opção é permitir que eles pesquisem contos ou lendas locais na internet ou em livros de literatura regional.

O ambiente escolar é um bom local para se conhecer a Cultura popular. Neste âmbito, a leitura literária da Literatura popular será de grande contribuição, pois além da sua estética, é também um reflexo da realidade. Logo, o docente pode utilizar a sala de aula para valorizar a cultura regional de cada aluno. Tem-se, como exemplo, o Cordel e o Conto popular, dois gêneros literários de valor significativo para fomentar o prazer pela leitura, à promoção do letramento literário e a valorização da Cultura popular. Dessa forma, é crucial que a escola busque mais essa valorização e que os alunos passem a entender que a literatura popular continua viva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o livro didático utilizado no *corpus* da pesquisa não tenha abordado a literatura popular, sua relevância no contexto cultural e literário não pode ser ignorada. A literatura popular, que abrange formas como contos folclóricos, cordéis, lendas, canções tradicionais e histórias orais, é fundamental para entender as raízes e a diversidade de uma sociedade. Ela emerge das manifestações culturais de um povo, refletindo seus valores, costumes e tradições, e, muitas vezes, é transmitida oralmente de geração em geração, o que faz dela um importante patrimônio imaterial.

Além de contribuir para a preservação da memória coletiva, a literatura popular também oferece uma visão alternativa, mais próxima do cotidiano das camadas populares, em contraponto à literatura erudita, que tende a ser mais elitista. Dessa forma, ela dialoga diretamente com as vivências, crenças e desafios de comunidades locais, muitas vezes marginalizadas na historiografia e na produção literária formal. Além disso, a ausência desse tema no livro didático reforça a necessidade de uma revisão crítica dos conteúdos curriculares, a fim de ampliar o reconhecimento de diversas formas de expressão literária. Incorporar a literatura popular nas discussões educacionais não apenas enriquece o repertório literário dos estudantes, mas também fomenta o respeito à pluralidade cultural.

Por fim, é essencial reconhecer que a literatura popular, longe de ser uma manifestação secundária, tem valor histórico e literário e continua a influenciar profundamente a cultura contemporânea. Integrá-la ao estudo da literatura proporciona uma visão mais inclusiva e abrangente da produção cultural e da identidade de uma sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, MARCIA. **Cultura Letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil**. 2. ed., São Paulo, Ática, 2002.

BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.); KLEIMAN, Angela B....[et al]. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CASCUDO, L. da C. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1984. 435 p.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, L.R.S. **Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação profissional**. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, Brasília, v. 1, nº 1, 2008.

MALARD, Letícia. **Ensino e literatura no 2º grau: problemas & perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar**: São Paulo. Cortex. 2012.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISES, L.. Literaturas artes, sabere. In: **O ensino da Literatura**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

MOLINA, O.. **Quem engana quem?** Professor x livro didático. 2. ed Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1988.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**. Trad. Enid Abreu Dobranszky. São Paulo, Papyrus, 1998.

PARAFITA, A – **A Comunicação e a Literatura Popular**, 1999.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **O ensino da literatura**. In: NITRINI, SANDRA et al (org) **Literatura, artes, saberes**. São Paulo: ABRALIC – HUI TEC, 2008.

PINHEIRO, Helder. Literatura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. In: **Literatura e formação de leitores**. PINHEIRO, Helder et al (Orgs.). Campina Grande: Bagagem, 2008.

SILVA, Francisca Rayane da; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos. **A literatura de cordel e sua contribuição para o ensino de língua portuguesa, no ensino fundamental II**. XX Encontro de Extensão, Docência e iniciação Científica (EEDIC),2016, Centro Universitário Católica de Quixadá. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.fcrs.edu.br/index.php/eedic/article/view/916> . Acesso em: 09 de set de 2024.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.